

Conclusão

Este trabalho encontrou seu vetor de mobilização — projetando para si um ponto de partida, uma forma de pastorear a si mesmo — da seguinte pergunta de Wittgenstein: “Como posso, pois, querer colocar a linguagem entre a dor e manifestação da dor?” (IF, §245.). Pergunta essa que eu pretendia dirigir, de forma indireta, à arte contemporânea e a sua respectiva crítica na medida em que são subsidiárias de uma linguagem do irrepresentável. Agora no ocaso desta reflexão, recorro novamente às *Investigações* a fim de tentar avaliar o ímpeto e o êxito do que aqui se ensaiou. Cito-o, novamente:

Os resultados da filosofia consistem na descoberta de um simples absurdo qualquer e nas contusões que o entendimento recebeu ao correr de encontro às fronteiras da linguagem. Elas, as contusões, nos permitem reconhecer o valor dessa descoberta. (idem, §119.)

O valor da descoberta, consoante ao *ethos* das *Investigações*, consistiria, dentre outras coisas, no vislumbre de uma incongruência que nubla a visão de *nossa* linguagem e, portanto, de *nossa* forma de vida. E, na posse desta lente, retorno às perguntas norteadoras deste trabalho: Por que nas *Investigações Filosóficas* e aqui, neste trabalho, a dor se apresenta como elemento importante na reflexão, lá como tópico escolhido para mobilizar a reflexão e aqui como um dos fatores distintivos de uma representação não figurativa da dor, a fim de demover ou, ao menos, abalar o estatuto de um real que se lhes apresentaria como irrepresentável? De que maneira se constituem e se apresentam esses modos de representação da dor em termos não representacionistas? Como pode a linguagem da dor receber tanta ênfase de um discurso, assim como nesses modos discursivos específicos, já que o significado de uma palavra (mesmo que de dor) só pode encontrar sentido, para Wittgenstein, na fala cotidiana? O traumático e a perturbação que se inscrevem no aparato psíquico, imprimindo-lhe nova rotina,

seriam concebíveis numa concepção de linguagem na qual o sentido se confunde com o seu uso? O que na linguagem do irrepresentável depõe contra o paradigma da representação? Paradigma esse que parece constituir um jargão todo particular da impossibilidade e é, não obstante, instrumentalizado?

O avolumar das perguntas que se abriram, a partir dessas fundamentais, não deixou a desejar diante das múltiplas possibilidades de respostas no tocante à produção de Artaud, Henry Miller e Wittgenstein. Produções que preconizam, em alguma medida, uma postura de rejeição a uma concepção de linguagem representacionista, embora se esforcem por não reduzir a linguagem à pura auto-referência. No que diz respeito à questão fundamental deste trabalho, representações não-figurativas da dor, os três autores guardam em comum o exercício de uma escolha deliberada ante o uso que fazem da linguagem, uso esse que é antagônico àquele da linguagem compreendida, inevitavelmente, como um instrumento de representação ou de não-representação. Ambos os autores esforçaram-se por alargar os limites da linguagem ou nossa percepção da linguagem. Esse alargamento de nossa percepção pode também ser visto como um esforço por aumentar a margem de manobra da expressão, da própria representação.

Nesse sentido, na pergunta wittgensteiniana a respeito da dor, nuclear neste trabalho, o realce que o filósofo lança sobre seu tom interjetivo, inclui no circuito da enunciação a pessoa do enunciador sem, necessariamente, ser concebida como a de um fiador do seu significado, pelo que se apresenta a sua consciência. *Como posso pois querer colocar a linguagem entre a dor e a manifestação da dor?* Ou ainda, como se dependesse dele, de forma única e exclusiva, alocar a linguagem como instrumento de mediação do pensamento. Uma expressão de dor não é só a manifestação de um comportamento perante a dor que se sente, é também a manifestação de um comportamento na linguagem e, portanto, da linguagem. Uma maneira de dela fazer uso e, assim, promover a manutenção de sua espécie enquanto forma de vida. Dessa forma, o que na pergunta sugere uma preocupação com uso que o enunciador faz da linguagem a isso não a reduz, ao contrário, estabelece articulações com outras preocupações, provoca o pensamento em outras áreas. A linguagem da dor não é privilégio de um jogo de linguagem somente.

Essa provocação, que reconheço ser promovida pelo pensamento de Wittgenstein, levou-me à formulação das perguntas fundamentais deste trabalho, acima resumidas. Perguntas que se dirigem ao que chamei no primeiro capítulo de “clima de opinião do irrepresentável”. Clima de opinião tomado como uma imagem de essência da linguagem, a exemplo de como Wittgenstein se apropria da visão agostiniana de linguagem no início das *Investigações*. Para isso, detive-me sobre uma obra de boa circulação que funciona com comprovado êxito como uma radiografia de parte da produção artística contemporânea e sua respectiva crítica, alinhadas ao redor do tópico do *real traumático* e de sua irrepresentabilidade. Assim *The Return of the Real*, de Hal Foster, contribuiu para a reflexão, dando contornos a uma imagem de essência da linguagem artística e, por conseguinte, da noção de real decorrente dessa imagem.

As leituras que empreendi das obras de Artaud e Henry Miller, em perspectiva, ecoam na minha leitura da obra de Foster na medida em que a mesma reconhece um ponto de contato entre a supracitada tendência da arte contemporânea e sua respectiva crítica e as vanguardas históricas. Ponto de contato que se realiza como filiação. Por isso, disse acima que as leituras de Miller e Artaud respondem, de forma indireta, ao chamado clima de opinião do irrepresentável, sob o signo do irrepresentável sugerido pelo exercício de uma linguagem da dor. Nessa esteira, o problema de representação que tangencia a linguagem da dor corresponde neste trabalho, mesmo que de forma problemática, à pregnância de uma noção de *real traumático* para parte da produção artística contemporânea, a partir da radiografia de Foster. Pregnança que é aqui entendida como uma redução da produção artística e crítica em questão. A noção de irrepresentável, conforme a formulação de *real traumático*, não promove uma contusão no entendimento, ao contrário, priva-o de um embate efetivo com o real, que se lhe apresenta nessa produção como encoberto ou irreconhecível.

Na tangente, a busca de uma via de expressão para a sensibilidade humana, uma possibilidade de sua comunicação que não se submetesse a uma lamentação em torno dos limites da representação pode ser concebida como uma tentativa de leitura mais alargada do fenômeno estudado. Lembro que este trabalho se dirigiu à produção de autores como Artaud, Miller e Wittgenstein composta de uma escrita preocupada em dar a ver sua *postura* diante da linguagem, no fluxo do uso que dela fazem, sem a submeter a um modelo, mesmo que revigorado, de

representação ou não representação. Ao contrário, as produções de Henry Miller e Artaud parecem promover a ocorrência de modos discursivos que, em reação a um estado de crise da representação, não sucumbem a uma acepção de real como irrepresentável.

Neste sentido, pergunto-me: em que medida, ao tentar responder a essas provocações iniciais, obtive êxito? Consegui, ao menos, esbarrar com algum absurdo instalado no que chamei de linguagem do irrepresentável e, por conseguinte, dar a ver alguma contusão desse pensamento, supostamente, adoentado? Um estudo mesmo do que se convencionou aqui chamar de representações não-figurativas da dor não obteve caráter conclusivo. O que é satisfatório, já que a obra dos autores em questão resiste em reduzir a linguagem a uma de suas prerrogativas quaisquer. O resultado dessa multiplicação das vias de acesso ao problema, em potência na obra dos autores escolhidos, culminou numa reflexão que termina, justamente, quando começa a vislumbrar seus próprios limites e desdobramentos possíveis, enquanto revisões do problema anteriormente concebido. O pêndulo de uma reflexão crítica decorrente do pensamento desses autores, concludo, não pode encontrar ponto de repouso, ao contrário, promover movimento crítico sem abrir mão da própria oscilação como elemento de importância para uma experiência consoante ao que se estuda, isto é, levando-se em consideração serpentear próprio ao “objeto de estudo”.

A contribuição dos três autores parecem compartilhar algo, um ponto de contato, uma vocação comum, a de não submeterem sua reflexão a uma sistemática de pensamento. Ou seja, não configuram um estilo de contornos identificáveis. Parece-me que o préstimo de sua conjuração do real na linguagem, a despeito dos entraves que o circunscrevem a uma limitação específica, encontra termo justamente em uma adesão integral aos limites da linguagem e isso já é muita coisa, posto que sua produção não cessa, dessa maneira, de descobrir atalhos e possibilidades de reflexão, por seu esforço de revisão da expressão. Cito, a título de conclusão, Henry Miller:

Quando me lembro dos titânicos esforços que fiz para canalizar a lava quente que borbulhava dentro de mim, esforços que repeti milhares de vezes para pôr o funil em posição e capturar *uma* palavra, *uma* frase, lembro-me inevitavelmente dos homens do Paleolítico. (MILLER, 2008, pp. 257s)